

Ensino de inglês e educação para a amplitude¹

Jean Lauand²

Juliana Bassani Rubio³

Resumo: O artigo discute o ensino de línguas a partir de uma perspectiva que transcende a da mera aprendizagem (de pronúncia, vocabulário, gramática etc.), mas que envolva a discussão de fatores culturais e antropológicos, suscitados pelo rico potencial contido precisamente nas línguas. Analisa-se o caso do inglês.

Palavras Chave: Ensino de línguas. Educação. Ensino de inglês.

English teaching and education for an amplitude.

Abstract: This study discusses the language teaching – English language – through a perspective that exceeds the simple learning (pronunciation, vocabulary, grammar etc), but involves the analysis of cultural and anthropological factors, elicited by the strong potential precisely restrained in languages.

Keywords: Language teaching. Education. English teaching.

Introdução

Na conferência anterior (in *Notandum* No. 30), discutimos a dualidade – bárbara / romana – que caracteriza a Idade Média e como essa dualidade se manifesta especialmente na língua inglesa. Nesta exposição, pretendemos explorar outros aspectos dessa língua (e de seu ensino), que podem suscitar importantes reflexões culturais, antropológicas e... sobre a própria linguagem.

Continuamos naquela perspectiva mais ampla do ensino de línguas (e do inglês), que visa uma educação em sentido próprio e profundo, para além do mero aprendizado de pronúncia, vocabulário, regras gramaticais etc. Estamos convencidos, além do mais, que o próprio aprendizado “técnico” da língua acaba se enriquecendo muito a partir dessa perspectiva pedagógica “filosófica”, como diria Josef Pieper, e que foi objeto de nossa exposição anterior.

Etimologias

Um primeiro campo a ser explorado é o das etimologias. Mais do que meras curiosidades, as etimologias muitas vezes são poderosas indicadores antropológicos, verdadeiras chaves para a compreensão do humano. Recordemos brevemente as razões do potencial desse e de outros fatos da linguagem.

“O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), conhecido como “o obscuro”. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas...

¹. Originalmente, conferência dos autores no “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”. São Paulo, 20-12-2012.

². Prof. Titular Sênior da FEUSP e do Programa de Mestrado em Educação da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaura@usp.br

³. Professora do Bacharelado em Letras com ênfase em Tradução, Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue e Centro de Línguas na Universidade Metodista de São Paulo e mestranda do Programa de Mestrado em Educação da Univ. Metodista de São Paulo. juliana.rubio@metodista.br

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Aliás é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder, e podemos acrescentar: a realidade humana gosta de se esconder. Daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

As etimologias são parte importante desse jogo de sobe e desce e de esconde-esconde. Não é por acaso que, por exemplo, os dois filósofos mais lidos na Alemanha de hoje – Josef Pieper (1904-1997) e Martin Heidegger (1889-1976) – voltem-se continuamente para as etimologias, quando querem investigar as profundezas da realidade humana.

Precisamente uma das grandes contribuições do próprio Pieper para o método da antropologia filosófica foi (seguindo a máxima de Heráclito) a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem, escondido, é fundamentalmente indireto. Pois os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem em nossa consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem. Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos: em grandes instituições - como por exemplo a do tribunal do júri ou a universidade, que tanto nos revelam sobre o espírito humano -, em formas de agir - como é o caso do ato poético, tema recorrente nos próprios poetas -, e sobretudo na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos da linguagem, a serem descobertos também nas etimologias. Nesse quadro, a etimologia passa a ser importante componente desse laboratório para o filósofo que é a linguagem: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Alguns exemplos ajudar-nos-ão a compreender essa importância.

Começemos pela aparentemente inofensiva fórmula de gratidão **thank**.

Como em outras línguas, a etimologia dessa fórmulas de agradecimento remete a profundos aspectos filosóficos. Ao tratar filosoficamente da gratidão, Tomás de Aquino ensina que ela é uma realidade humana complexa (e daí também o fato de que sua expressão verbal seja, em cada língua, fragmentária: este ou aquele aspecto-gancho é o acentuado):

A gratidão se compõe de diversos graus. O primeiro consiste em reconhecer (*ut recognoscat*) o benefício recebido; o segundo, em louvar e dar graças (*ut gratias agat*); o terceiro, em retribuir (*ut retribuatur*) de acordo com suas possibilidades e segundo as circunstâncias mais oportunas de tempo e lugar (II-II, 107, 2, c).

Esse ensinamento, aparentemente tão simples, pode ser reencontrado nos diferentes modos de que as diversas línguas se valem para agradecer: cada uma acentuando um aspecto da multifacética realidade da gratidão. No caso do inglês, é o primeiro nível: expressando mais nitidamente o reconhecimento do agraciado. Aliás, reconhecimento é mesmo um sinônimo de gratidão. Nesse sentido, é interessantíssimo verificar a etimologia: na sabedoria da língua inglesa *to thank* (agradecer) e *to think* (pensar) são, em sua origem, e não por acaso, a mesma palavra.

Ao definir a etimologia de *thank* o OED (Oxford English Dictionary) é claro: "*The primary sense was therefore thought*". E, do mesmo modo, em alemão, *zu danken* (agradecer) é originariamente *zu denken* (pensar). E isso, afinal, é muito compreensível, pois, como todo mundo sabe, só está verdadeiramente agradecido quem *pensa* no favor que recebeu como tal. Só é agradecido quem pensa, pondera, considera a liberalidade do benfeitor. Quando isto não acontece, surge a justíssima queixa: "Que falta de consideração!"⁴. Daí que S. Tomás - fazendo notar que o máximo negativo é a negação do grau ínfimo positivo (a última à direita de quem sobe é a primeira à esquerda de quem desce...) - afirme que a falta de reconhecimento, "o ignorar é a suprema ingratidão" e "o doente que não se dá conta da doença não quer se curar"⁵.

Congratulations. No caso das felicitações, a formulação inglesa, *congratulations*, expressa a alegria compartilhada pelo bem do outro, com quem nos congratulamos, isto é, nos co-alegramos. Essa comunhão na alegria é sugerida também pela forma depoente dos verbos latinos *gratular* e *congratular*. A forma depoente está a indicar que a ação descrita no verbo não é ativa nem passiva, mas voz média: uma ação que, exercida pelo sujeito, repercute nele mesmo. Ou seja, no caso, que a alegria que externamos ao felicitar tal pessoa pelo seu bem é também, a título próprio, nossa.

Forgive. O prefixo *for-*, no caso – tal como o nosso *per-* em *perdoar* –, indica plenitude, fazendo do perdão, a máxima doação!

Forever. Se em *forgive* o prefixo *for* indica plenitude, no caso da palavra *forever*, literalmente *for-ever*, *para sempre*. E é interessante notar que também há outras expressões utilizadas com o mesmo sentido, por exemplo, a expressão *for good* (que evoca o "bom" como transcendental metafísico⁶) e assim pode-se dizer: *I want to stay with you forever* ou *I want to stay with you for good*. Agora, caso você empreste um livro a alguém e a pessoa ache que terá que o devolver, mas você quer que a pessoa fique com o livro para sempre, nesse caso você pode usar uma das duas expressões – *forever* e *for good* – mas também *for keeps* (expressão usada geralmente quando se dá um objeto a alguém): *You can have this book for keeps*.

Certamente, tudo isto é importante para o ensino. Como discussões extra-língua podem surgir da consideração da conexão etimológica entre **free** ("OE. fréon to love, whence friend" - OED) e **friend**.

Em nossa língua, o futuro, o incerto futuro, é *ventura* (em latim nom./ac. plural neutro de *venturus*: o que virá) daí nossas incertezas (porventura), a felicidade (como em D. Manuel, o Venturoso) e os incidentes que podem acontecer (aventura). Semelhante ao trio inglês: **perhaps**, **happy**, **happen** (do arcaico **hap**, o casual do acontecer - OED). Aliás, o casual, acaso vem do latim *casus*, o que cai – e, portanto inesperado, como no inglês: **by fall**.

⁴. Já Sêneca - citado por S. Tomás, II-II, 106, 3 ad 4 - fala de que não pode haver gratidão, senão pelo que ultrapassa o estritamente devido, "*ultra debitum*". "*Ministerium tuum est*" ("Você não fez mais que sua obrigação") e outras do mesmo teor são, como se vê, fórmulas já bastante antigas.

⁵. "*Est gravissimum inter species ingratitudeinis, cum scilicet homo beneficium non recognoscit*" (*In II Sent.* d.22 q.2 a.2 r.1). e "*Quia dum morbum non cognoscit, medicinam non quaerit*", *ibidem*.

⁶. Cf. Lauand "Metafísica da liquidação" Revista Língua Portuguesa, www.jeanlauand.com/page58n.htm

Alone – combinação de **all** + **one**, o todo é um.

Good-bye – contração de God be with you (ye). “the substitution of good- for God may have been due to association with such formulas of leave-taking as good day, good night, etc.” (OED).

Good for you – Expressão muito usada como forma de aprovação ou elogio, podendo ser traduzido para o português como *Muito bom*, *parabéns* ou de forma literal, *Bom pra você*. Note-se que neste caso, o da tradução literal *Bom pra você*, passa uma ideia de ironia na língua portuguesa, algo que não acontece em inglês, uma vez que culturalmente, o nativo americano usa dessa expressão de forma muito educada e realmente com boas intenções.

Acumulação semântica

Uma das maiores dificuldades de compreensão e tradução é a acumulação semântica que se dá numa língua estrangeira, mas não na nossa.

Um caso notável é o da palavra *way*, que acumula os sentidos de caminho e modo. É na verdade um calque semântico do bíblico *derek*: no deserto, não há estradas pavimentadas e cada um faz seu caminho, a seu modo.

Os tradutores tupiniquins por vezes se confundem e traduzem, por exemplo, o sucesso de Sinatra “My way” por “Meu caminho”, como no vídeo do youtube:



<http://www.youtube.com/watch?v=xpQHQ5zetss>

O mesmo ocorreu com a vampiresca série adolescente *Twilight*, que, além do lusco-fusco do dia prestes a amanhecer ou do Crepúsculo, em inglês significa também – como convém aos filmes da saga – a atmosfera de mistério de percepções ou iluminações mentais inexplicáveis, como na clássica série televisiva – alusiva ao sobrenatural – *Twilight Zone*, traduzida no Brasil por “Além da imaginação” e em Portugal por “Quinta dimensão”. “Crepúsculo”, em português, não dá conta desse significado...



Falsos cognatos

Boa parte dos falsos cognatos são palavras de origem latina, que em inglês adquiriram um significado diferente das “correspondentes” em português: muitas vezes o inglês é inclusive mais fiel ao original latino.

Assim, do latim *praejudicium* priginou-se *prejudice*, no sentido de preconceito (juízo prévio, pré-juízo) enquanto, em português, “prejuízo” praticamente se restringe a perdas ou danos.

Também *actually* preserva o sentido aristotélico do ser em ato (*actus*), aquilo que é (de fato, de verdade); enquanto “atualmente” em português refere-se ao tempo presente.

Do mesmo modo, *exit*, do latim *exitus*, é a saída, o resultado; em português, especializou-se no bom resultado.

Apparently, do latim *apparens* é aquilo que aparece e, portanto, parece; para “aparentemente”, em português, prevalece o sentido de aparência falsa, enganosa: “Aparentemente é uma santinha, mas, na realidade, é um demônio de saias”.

Um falso cognato especial: *to pretend*

O fato de *pretend* em inglês aponte para fingir, complementar do nosso “pretender”, permite uma daquelas importantes “aberturas para o todo”, de que falávamos na primeira conferência: a linguagem como laboratório da antropologia.

Na filosofia da educação moral – em pensadores como Guimarães Rosa, Pascal, Confúcio ou Shakespeare –, quem pretende deve fingir. Os parágrafos restantes deste tópico, são tomados de Lauand (2011): (...) É o caso da pedagogia medieval – aposta-se na matéria como o grande indutor de atitudes espirituais.

E aí tocamos um dos pontos chave da educação moral, que é sempre, em boa medida, auto-educação. A fórmula vem dada numa aparentemente surpreendente sentença de João Guimarães Rosa: “Tudo se finge primeiro; germina autêntico é depois”.

É o caso da educação para as virtudes. Um homem que reconheça um seu defeito moral, digamos a ingratidão, e queira adquirir a virtude correspondente, como deve proceder? Fingindo. Quer dizer, começa-se por assumir as formas externas, verbais da gratidão (que não se sente): “fingir” reconhecer o caráter indevido do favor recebido, “fingir” louvar o benfeitor, “fingir” sentir-se na obrigação de retribuir etc. E, um belo dia, germina autêntico aquilo que se fingia...

“Fingir” é também a proposta de Shakespeare: “*Assume a virtue, if you have it not*”, diz Hamlet (III, 4)⁷. O costume é monstro que vai comendo o sentido de nossas ações. Mas, o diabo do hábito, torna-se anjo quando se volta para o bem: dando a capa que reveste as ações boas - uma agora, outra depois e outra ainda - e assim ir mudando a natureza e, com prodigioso poder, exorcizar os demônios.

O “fingir” proposto nas *Pensées* (#250) de Pascal oferece-nos o enlace com o grande tema da Liturgia. No relacionamento com Deus: “É necessário que o exterior se una ao interior, isto é, pôr-se de joelhos, rezar com os lábios, etc. a fim de que o homem orgulhoso, que não quis se submeter a Deus, seja submetido à criatura. Esperar socorro desse exterior é ser supersticioso; não querer ajuntá-lo ao interior é ser soberbo”⁸.

7. Assume a virtue, if you have it not. That monster, custom, who all sense doth eat. Of habits devil, is angel yet in this, that to the use of actions fair and good He likewise gives a frock or livery, that aptly is put on. Refrain to-night, and that shall lend a kind of easiness to the next abstinence: the next more easy. For use almost can change the stamp of nature. And either.. the devil, or throw him out with wondrous potency.

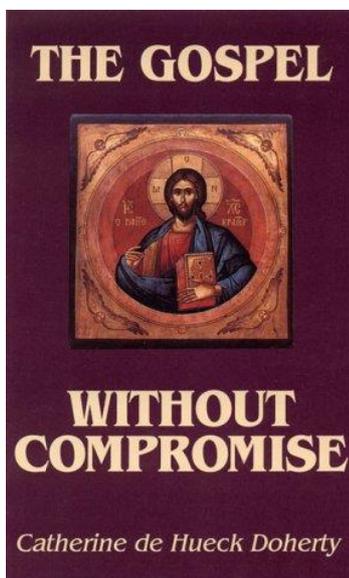
8. Il faut que l'extérieur soit joint à l'intérieur pour obtenir de Dieu; c'est-à-dire que l'on se mette à genoux, prier des lèvres, etc. afin que l'homme orgueilleux, qui n'a voulu se soumettre à Dieu, soit

Tradutores eletrônicos

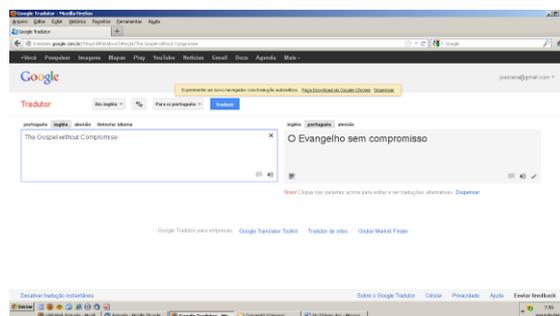
Ainda no campo dos falsos cognatos, um tópico importante é o do uso (e abuso) dos tradutores eletrônicos: Google translator, yahoo etc.

Longe de nós a arrogância de desprezar sumariamente esse recurso, mas é necessário saber usá-lo: somente como primeira e provisória instância, deixando a tradução final para o competente conhecedor, no caso, da língua inglesa.

Tomemos o caso do conhecido livro de Catherine de Hueck Doherty, *The Gospel without Compromise*.



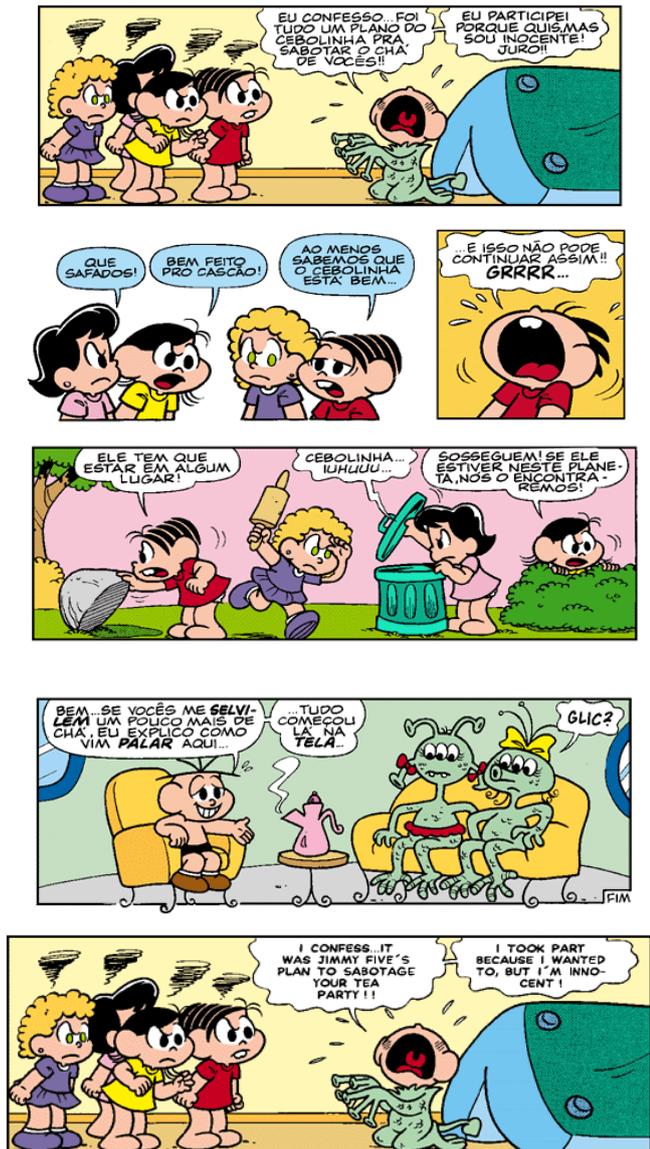
O incauto que confiasse cegamente no *Google Translator* ofereceria a seus leitores o fatal: “Evangelho sem compromisso”:

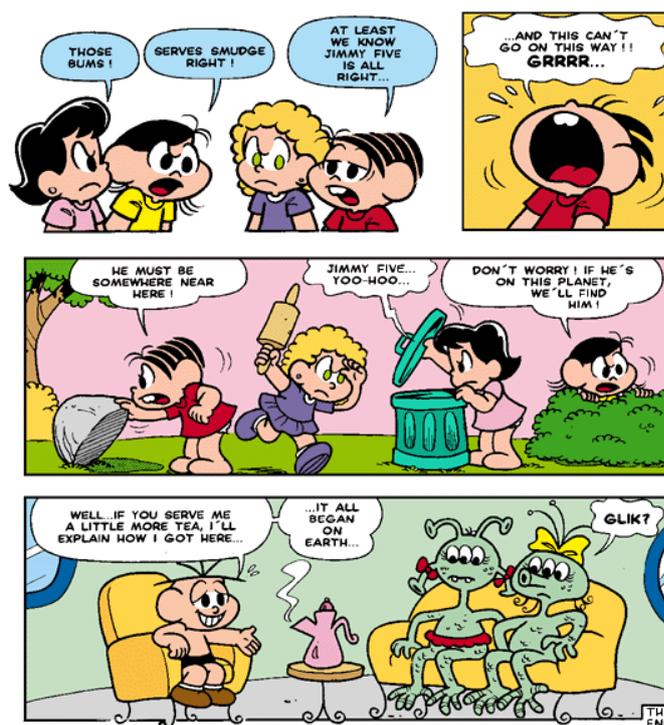


Não se pense que estamos falando de casos hipotéticos: incrivelmente é prática bastante frequente em *Abstracts* de dissertações, teses acadêmicas e artigos de revistas científicas: o que já depõe contra o autor e o expõe ao ridículo desde, permitam o exemplo, “a abertura muito de seu papel” (!?), que é como o Yahoo translator (Bing beta) traduz: the very opening of his paper... Isso por conta do proverbial desleixo tupiniquim, que deixa tudo, inclusive a submissão do artigo, para a última hora, para o “prazo de queda” (!?), que é como o Bing traduz: “the drop deadline”

maintenant soumis à la créature. Attendre de cet extérieur le secours est être superstitieux, ne vouloir pas le joindre à l'intérieur est être superbe.

As HQ da Turma da Mônica na versão em inglês, trazem bons exemplos de expressões e palavras que se fossem traduzidas literalmente (ou por tradutor eletrônico) talvez falhassem na comunicação com o público. Vejamos dois exemplos comparando as versões em língua inglesa e portuguesa. No primeiro caso, note-se a fala “Que safados!” / “Those bums!”, significando *bums* “vagabundo” em inglês. O Google Translator dá para “Those bums!”, a menos adequada para o caso: “Aqueles vagabundos!”. Em um segundo exemplo, Magali diz: “Serves Smudge right!”, essa expressão é muito utilizada quando algo desagradável ou ruim acontece merecidamente; o que em português, poderia ser traduzido por “Bem feito!”, como em nossa HQ: “Bem feito pro Cascão!”. O tradutor eletrônico oferece a literal e inadequada: “Serve-lhe direito!”.





Nessas HQ, a personagem Mônica sempre *discute* com seu companheiro de turma, Cebolinha. E é interessante o sentido dessa palavra *discutir* na língua inglesa, e muitos alunos questionam as diferenças de sentido, uma vez que em português utilizamos essa palavra para diferentes casos, porém todos com a mesma palavra *discussão*. Em português as palavras *discutir* ou *discussão* possuem tanto a ideia de uma questão em que várias pessoas tomam parte, uma controvérsia, uma polêmica, etc., que podem se dar com atitudes tranquilas ou não... O inglês, no caso, não tem esse caráter confundente: há o uso de dois termos para a palavra *discutir*, *to discuss* e *to argue*. O primeiro é “*to talk about a subject with someone and tell each other your ideas or opinions or to talk or write about a subject in detail, especially considering different ideas and opinions related to it* (Cambridge), ou seja, simplesmente conversar sobre um assunto, diferentemente de *to argue* que também significa discutir, mas no sentido de “*to speak angrily to someone, telling them that you disagree with them*”, ou seja, o *discutir* da altercação, da briga.

Outra superação importante do confundente dá-se no par: *history* e *story*. Como diz Vilela (2012, 137-8):

Já faz tempo que a palavra “estória” foi abolida do português usado no Brasil e toda história seja ela verdadeira ou não se escreve da mesma forma, com h. No entanto, embora a explicação das professoras primárias do passado se encaixasse bem na maioria dos casos, ela estava longe de ser precisa. Na língua inglesa, a diferença entre *history* e *story* se dá não com base de se o fato narrado é verídico ou fictício; se dá, isso sim, na maneira e no objetivo com que é narrado. Assim, quando a linguagem é acadêmica e o objetivo é compreender ou estudar o passado é *history*, aquela escrita pelos *historians* (historiadores), mas se a linguagem for literária e o objetivo for entreter ou provocar uma resposta emocional no leitor, a palavra usada é *story*, equivalente à antiga palavra “estória”.

Bushisms

Episódios curiosos com celebridades também dão ocasião de ensino. George Bush, como candidato e como presidente, protagonizou inúmeras divertidas gafes, também em relação à língua inglesa, os “bushismos”. Tudo começou quando ainda pré candidato, em janeiro de 2000, saiu-se com esta em um comício: “That is the question I ask: how **is** our children learning?” (o que imediatamente suscitou a piada do Joãozinho perguntando à professora de gramática: “Are he serious?”).



Fêssora, posso...? Setembro 2005, no Conselho de Segurança da ONU. No zoom do fotógrafo Rick Wilking da Reuters, Bush pede licença a Condoleeza Rice para ir ao banheiro: I think I may need a bathroom break? Is this possible? A primeira interrogação aumenta ainda mais o caráter infantil da cena: como se ele não estivesse certo de que realmente estava necessitado...

Um dos mais divertidos bushismos deu-se com o uso do prefixo *mis-*, que indica que a ação verbal a que afeta ocorre de modo impróprio, errado, desvirtuado. Também em um comício de 2000, como candidato, em vez de dizer que tinha sido mal compreendido (*misunderstood*), cunhou um termo que o acompanharia até o último dia de mandato: “They *misunderestimated* me”, algo assim como “não estão me subestimando direito...”. Bush deu notáveis contribuições para a *miseducation* dos EUA.

Uma língua assentada na percepção. Uma língua direta e econômica.

Como já dissemos, neste evento, seria bem mais fácil a própria apreensão da gramática se os professores se lembrassem de, quando for o caso, discutir a filosofia ou sociologia subjacentes.

Pensem, por exemplo, no imenso e variado uso que a língua inglesa faz do gerúndio, das formas *-ing*. É evidente que esse fato gramatical está em conexão com uma quase milenar tradição de pensamento britânico, tão frequentemente afeito ao empirismo, ao nominalismo, ao pragmatismo, ao fato que se manifesta à percepção.

De João de Salisbury Erígena (810-877), Pieper (1973, 60) diz:

Com ele, penetra claramente no diálogo filosófico, pela primeira vez, uma figura de inconfundível selo anglo-saxão. Trata-se de um empírico, que desconfia por princípio (...) das “sínteses” de especulação metafísica e teológica. E que confia primeiramente na experiência concreta. (Cf. também Pieper, 1973, cap. XI – Duns Escoto e Guilherme de Ockham).

Como na antiga piada do concurso internacional de monografias sobre o elefante. Concorrem um alemão, um italiano, um francês e um inglês (claro que a piada admite diversas versões, com diferentes nacionalidades e desfechos: a única constante é o francês!).

Na data da entrega, o alemão comparece com um grosso volume intitulado: "Prolegômenos aos pressupostos teóricos da essência da tromba. Volume I".

O francês apresenta um elegante ensaio: "*L'elephant et l'amour*". O italiano: "*L'elefante e la sua buona memoria: Perché lui non dimentica mai che há dovuto tutto a sua madre*".

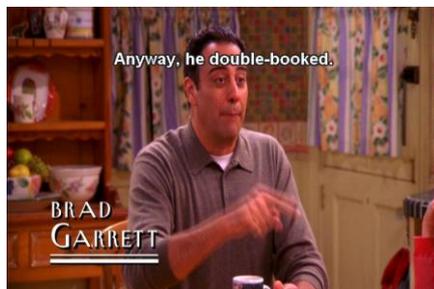
Já o inglês traz simplesmente: "*The Elephant*" (ou "*Elephants I have shot*"). Segundo a maldade do narrador, pode-se acrescentar, o argentino, com o estudo: "*La Argentina y los argentinos*"; o americano: "*The Elephant and the global war on terror*" ou em versões pré 11-9: "*How to breed more elephants in less time*"; etc. Com todas as reservas para uma afirmação tão geral, o inglês parece tender ao fato concreto e a recusar abstrações desnecessárias, e isso de algum modo se traduz na gramática.

Tomemos, por exemplo, os chamados *verbs of perception*, como *to see, to hear, to overhear, to feel...* Esses verbos não podem ser seguidos de infinitivo "com *to*", mas pela forma em *-ing*, que é o que, afinal de contas, se percebe: *Didn't you hear the phone ringing?*. Caberia também a forma nua: *Didn't you hear the phone ring?*, mas se se quer enfatizar a ação em processo, então se impõe o *-ing*: *Didn't you hear the phone ringing while I was in the bathroom?*. Mas, em nenhum caso, o infinitivo com *to*; não se pode dizer: *Didn't you hear the phone to ring?*. Curiosamente, em Portugal é ao contrário: a preferência pelo infinitivo em detrimento do gerúndio. O infinitivo puxa para o âmbito do abstrato; afinal eu não vejo "o correr"; não ouço "o tocar"; vejo, isso sim, o ladrão correndo da polícia; ouço meu vizinho tocando bateria...

E há verbos, como *to smell, to catch, to spot, to find* que, ainda na fórmula *verb + (pro)noun*, só admitem a forma *-ing* (não aceitam sequer a forma nua); referem-se unicamente a processo, a gerúndio, a fato ocorrendo: eu só posso sentir o cheiro de algo queimando (assando ou fritando etc.); só posso apontar (*spot*) para algo que está ocorrendo; etc.

Sem essas reflexões (que tanto ajudam à compreensão e memorização), a gramática torna-se uma opressora tabela de regras e exceções arbitrárias.

Nessa mesma linha, encontram-se outras características. Nesta exposição, não poderemos mais do que aludir a alguns aspectos que mostram como a língua inglesa tende à simplicidade, à economia, ao enxuto. Para um primeiro exemplo, ainda no caso geral, tomemos uma cena extraída da famosa *sitcom* *Everybody Loves Raymond*. No começo do episódio *She's the one*, o personagem Robert explica ao irmão Ray e à cunhada Debra como conheceu a nova namorada Ângela. Foi por mero acaso: o barbeiro agendou acumuladamente o mesmo horário para ele e para a moça... O que, em inglês, é extremamente enxuto:



VII temporada, episódio 9 *She's the one*

Compare-se com a legenda francesa do mesmo quadro:

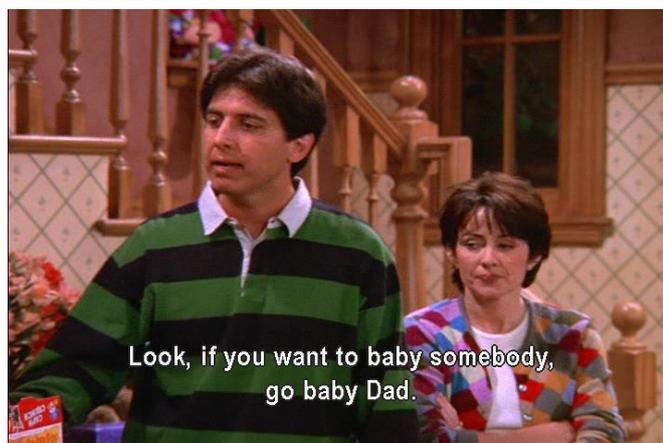


Já a legenda portuguesa diz: “De qualquer forma, ele marcou [simultaneamente] com dois clientes”.

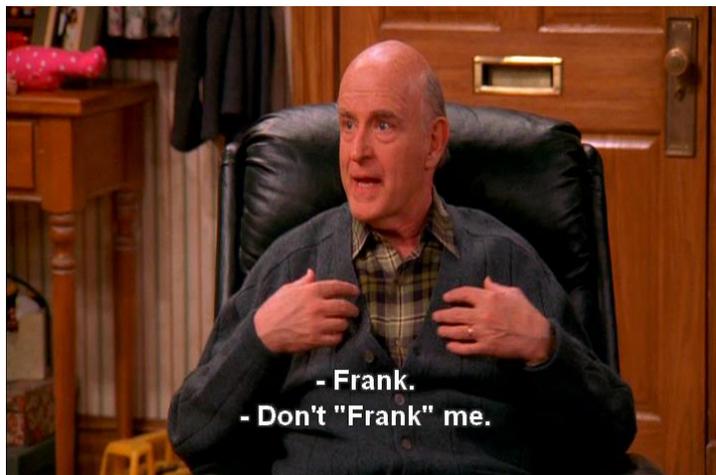
Essa qualidade de ser simples e direto é, sem dúvida, causa importante do fenômeno de importação de expressões do inglês e do surgimento de tantos anglicismos em todas as línguas (para desespero dos puristas). Expressões compostas com palavras, digamos, como *shop* ou *show* permitem expressar de maneira ágil e sintética, realidades só atingíveis por circunlóquios na tradição das línguas latinas. Assim em vez de “loja de produtos para animais domésticos” vai se impor “Pet shop” e para “Veterinário de animais domésticos”, *Pet-vet*. E o tradicional *Salon international de l'aéronautique et de l'espace (Paris-Le Bourget)* acaba conhecido internacionalmente como *Paris Air Show* (em busca no Google – 15/11/12 – esta expressão tem mais de sete vezes incidências do que aquela)

Nesse sentido, um fato sugestivo é o fato de o substantivo ser também já quase automaticamente um verbo. Enquanto o português tem de dizer: “Eu vou pôr isto no microondas”, o inglês diz simplesmente: “I’ll microwave it”, já que não cabe: “Vou microondá-lo”. Mais um par de exemplos, tomados de *Everybody Loves Raymond*, como amostra do falar real cotidiano.

No episódio 7 da temporada I (“Your place or mine?”), Raymond cansado da intromissão da super protetora e cuidadora mãe, Marie, em sua vida, diz que se ela quiser “bebezar” alguém (tratar alguém como criança, mimar com cuidados), que “bebeze” Frank, seu marido...



E no episódio 23 da temporada IV (“Confronting the attacker”), quando Marie começa a ameaçar Frank, chamando-o com a prosódia típica do vocativo de repreensão (Fraank...!), o marido responde com o inusitado verbo “to Frank”: “Não me **frankize**”



Não é só no léxico que se dá a influência do inglês: esse fato gramatical já vai tendo adeptos no Brasil. Por exemplo, a Folha e o Estadão (timidamente) começam a empregar o neologiasmo “medalhar” (no sentido de conquistar medalhas: “Fulano não medalhou nas Olimpíadas”).

Referências

LAUAND, Jean Tomás de Aquino e o papel do corpo na realização do homem **Notandum**, n. 25, art. 3, 2011. Disp. em: <http://www.hottopos.com/notand25/17-26Jean.pdf>. Acesso em 07-11-11.

LAUAND, Jean O laboratório de cada povo. **Língua Portuguesa**, n. 42, pp. 54-58, 2009.

PIEPER, J. **Filosofia Medieval y Mundo Moderno**. Madrid: Rialp, 1973.

VILELA, MarcoTúlio Rodrigues **A utilização dos quadrinhos no ensino de História: avanços, desafios e limites**. Dissertação de Mestrado em Educação, Umesp. S. Bernardo do Campo, 2012. Disp. em: http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/1/TDE-2012-06-04T123638Z-1106/Publico/Marco%20Tulio%20pag%201_100.pdf

Recebido para publicação em 18-11-12; aceito em 21-12-12